

Agora, a escolha

Encerrado o primeiro turno, começa de fato a verdadeira campanha eleitoral. Será agora, por assim o determinarem as circunstâncias, que se travará o duelo ideológico, programático e efetivamente político dos candidatos. Agora, sim, os eleitores poderão optar em função do que efetivamente representam os candidatos — sua filiação às idéias correntes do pensamento político, competência específica e propostas para a solução dos problemas brasileiros.

O primeiro turno, com 22 candidatos, representantes de um espectro muito amplo de partidos e, sobretudo, com numerosos candidatos supostamente filiados a uma mesma corrente de pensamento, uns se opondo a outros dentro da mesma área, apresentou grande dificuldade ao público na opção ideológica. Conquanto os grupos puderam se tornar nitidamente distintos — o grupo da esquerda versus o grupo da direita — a opção ideológica entre candidatos diluiu-se, permitindo prevalecerem apenas características pessoais de cada um como elemento de avaliação. Não era possível ir-se além disso, até porque os próprios candidatos não o permitiram, sistematicamente recusando, nos comícios e na televisão, o aprofundamento das questões susceptíveis que permitirem julgamento mais consistente.

No segundo turno, o confronto direto entre dois candidatos — um da esquerda e outro da direita — torna nítido o caráter da disputa e torna impositivo o confronto de idéias, não mais de características tipicamente pessoais. Os candidatos, agora amplamente expostos, não conseguirão driblar o debate dos problemas brasileiros. Cada um valerá o seu peso específico.

É assim que devem ser as campanhas eleitorais, razão pela qual julgamos que, para o futuro, necessita-se rever a

legislação. É imperioso mudá-la para retirar dela tudo o que possa ser inquinado de conjuntural e casuístico, para dificultar o registro de candidatos sem nenhuma possibilidade, como os dos partidos sem história eleitoral, e para assegurar que o horário gratuito de televisão enseje a revelação do que de fato cada um representa. Partidos políticos não deveriam começar a existir a partir da campanha presidencial, preservando-se este espaço para aqueles que já possuam experiência anterior. A Presidência da República é o cargo por onde termina e não por onde começa a carreira de um partido político.

Convidamos os brasileiros a exigirem mais dos candidatos neste segundo round da campanha eleitoral. O que até aqui exprimiram foi pouco demais para qualificá-los em tão grande postulação. O Brasil requer mais, porque seus problemas são complexos, as demandas do povo são emergenciais, não temos mais tempo para experiências. Deveremos exigir nesta fase que eles exponham claramente, a descoberto da retórica que os encobriu no primeiro turno, as propostas que tenham para as questões que afligem o País. Os dez minutos de cada na televisão serão bastantes para determinar o que cada um vale e o que, em consequência, receberão. O debate nitidamente ideológico é essencial. É pura retórica a afirmação de que o Brasil está aquém das ideologias, dado que seus problemas são elementares demais. Não é verdade. A consistência da solução que daremos a esses problemas dependerá do grau de intensidade da sua filiação às duas grandes linhas do pensamento político existente no mundo.

Começa agora a campanha. O que ficou para trás desapareceu. O Brasil que queremos começa de fato a ser desenhado agora.